

Os militares não apostam nesse líder

O Alto Comando do Exército, que se reuniu na segunda e na terça-feira, não considera definitiva a liderança alcançada pelo ex-governador Fernando Collor de Mello no processo sucessório. Os altos índices nas pesquisas de intenção de votos do candidato do PRN e seus ataques generalizados tanto a políticos como ao governo e aos militares centralizaram boa parte das discussões sobre a sucessão presidencial, um tema extra-agenda da reunião, que tinha como assunto básico a falta de recursos do Ministério do Exército.

O que mais tem intrigado os militares são os ataques que Collor vem fazendo a várias direções, inclusive aos meios militares. Collor chegou a se referir ao chefe do SNI, Ivan de Souza Mendes, como um "generaleco de um serviço falido". Nas suas avaliações, o candidato do PRN, com sua retórica de campanha, está abrindo flancos ao disparar em todas as direções. As reações — observaram — deverão ser nas mesmas proporções. Um assessor do Ministério do Exército disse, inclusive, que não sabe o que preocupa mais os militares: uma vitória de Collor, ou dos candidatos do PDT, Leonel Brizola, e do PT, Luís Inácio Lula da Silva.

Rejeição

"Uma moça não pode rejeitar um pedido de casamento de um rapaz que nunca pensou em se casar com ela." Esta foi a reação do senador Jarbas Passarinho (PDS) às afirmações de que Collor repudiava a sua adesão e outros apoios como o do ministro Carlos Sant'Anna, do deputado Borges da Silveira (PMDB-PR), do ministro Antônio Carlos Magalhães e do deputado Delfim Netto (PDS-SP). O filho do ministro Antônio Carlos Magalhães, Luís Eduardo, deputado do PFL baiano, também desmentiu que estaria próximo de "collo-
rir".